

LÍNGUAS DE SINAIS E MULTIMODALIDADE EM PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NA ESFERA RELIGIOSA

SIGN LANGUAGES AND MULTIMODALITY IN LITERACY PRACTICES
WITHIN THE RELIGIOUS SPHERE

Terezinha Cristina da Costa Rocha

Universidade Federal de Minas Gerais
tcrocha@ufmg.br

Nádia Fernanda Martins de Araújo

Universidade Federal do Piauí
nadiafaraujo@ufpi.edu.br

Francisca Izabel Pereira Maciel

Universidade Federal de Minas Gerais
franciscamaciel@ufmg.br

RESUMO

Neste artigo, apresentamos reflexões sobre a participação de pessoas Surdas em práticas de letramentos, na esfera religiosa, a partir de um estudo etnográfico desenvolvido na comunidade de Várzea Queimada, no interior do estado do Piauí. A comunidade tem um número expressivo de moradores Surdos, que utilizam uma língua de sinais local, a Cena. O objetivo foi compreender como essas pessoas participam de práticas de letramentos em atividades religiosas, por meio de interações multilíngues. Foram utilizados referenciais teóricos dos *estudos dos letramentos como prática social* (Street, 1984, 2014) e da multimodalidade (Kress, 2010). Os resultados permitiram compreender aspectos sobre a participação em práticas de letramentos, as interações para a negociação de sentidos, a mobilização de recursos multimodais e os usos da língua escrita para além da centralidade da escrita alfabética.

Palavras-chave: Letramentos; Línguas de Sinais; Várzea Queimada; Cena; Libras.

ABSTRACT

In this paper, we present reflections on the participation of Deaf people in literacy practices within the religious sphere, based on an ethnographic study conducted in the community of Várzea Queimada, in the interior of the state of Piauí, Brazil. The community has a significant number of Deaf residents who use a local sign language, Cena. The aim was to understand how these individuals engage in literacy practices in religious activities through multilingual interactions. The study is grounded in theoretical frameworks from *literacy as a social practice* (Street, 1984, 2014) and multimodality (Kress, 2010). The findings enabled us to examine aspects related to participation in literacy practices, interactions oriented towards the negotiation of meaning, the use of multimodal resources, and the uses of written language beyond the centrality of alphabetic writing.

Keywords: Literacies; Sign Languages; Várzea Queimada; Cena; Libras.

1. Introdução

As atividades religiosas constituem fenômenos sociais presentes nas mais diversas sociedades, atravessando tempos históricos, culturas e formas de organização social. Em muitas sociedades contemporâneas, a religião se apresenta como um eixo estruturante da vida coletiva, orientando valores, normas, identidades e modos de participação social. Para além da dimensão estritamente espiritual, as atividades religiosas organizam calendários, regulam relações sociais e mobilizam celebrações, rituais e festas coletivas.

A participação em espaços religiosos e em tradições locais, muitas vezes, contribui para a constituição das identidades e para a construção de sentidos de pertencimento das pessoas nas comunidades em que vivem. Para as pessoas surdas, usuárias de línguas de sinais, essa participação frequentemente envolve a complexidade das interações linguísticas e dos modos de acesso e de acessibilidade. Em atividades religiosas, diferentemente de espaços escolares e de outros contextos nos quais a acessibilidade é instituída por lei, tais interações tendem a ocorrer de forma menos sistematizada, o que intensifica a complexidade das trocas comunicativas e, conseqüentemente, torna desafiadora a participação de pessoas surdas usuárias de línguas de sinais. Considerando esses aspectos, neste artigo apresentamos resultados e reflexões a partir de uma pesquisa¹ que investigou a participação de pessoas surdas em práticas de letramentos durante atividades religiosas na comunidade de Várzea Queimada, no interior do estado do Piauí.

Várzea Queimada é um distrito do município de Jaicós, localizado no interior do estado do Piauí, com uma população pequena, de aproximadamente 900 habitantes², e marcada por fortes vínculos comunitários. A comunidade apresenta um alto número de pessoas surdas - sendo 1 pessoa surda para cada 25 nascidos na comunidade -, decorrente de questões genéticas associadas a casamentos consanguíneos. Nesse contexto, a população surda desenvolveu, a partir das interações locais, uma língua de sinais própria, denominada Cena. Atualmente, nos espaços sociais da comunidade, circulam três diferentes línguas: a Cena, utilizada pelas pessoas surdas e por alguns ouvintes; a Língua Brasileira de Sinais (Libras), introduzida por meio de ações de missionários católicos e de projetos escolares; e a língua portuguesa, empregada principalmente pelas pessoas ouvintes e nas interações escritas da comunidade.

A língua de sinais Cena foi constituída no âmbito da própria comunidade, a partir das interações entre moradores surdos mais antigos. Sua denominação deriva de uma visão local que caracterizava as sinalizações dos surdos como “fazer cena”, inicialmente com um sentido carícató ou pejorativo, mas que, com o uso recorrente e com os registros produzidos por pesquisas acadêmicas³, passou a ocupar maior reconhecimento no interior da comunidade (*cf.* Araújo *et al.*, 2025). Grande parte das pessoas surdas nascidas em Várzea Queimada é considerada,

1 O estudo apresentado neste artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla que examinou a participação de pessoas surdas em práticas de letramentos em diversos espaços da Comunidade de Várzea Queimada. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 68716523.9.0000.5149.

2 (*Cf.* Araújo; Rocha; Maciel, 2025).

3 (*cf.* Almeida-Silva; Araújo; *et. al.*, 2023).

pelos gestores da escola local, como “não alfabetizadas”. Diante dessa questão identificada pelos gestores da escola, foi organizada uma turma multisseriada de Educação de Jovens e Adultos (EJA) voltada exclusivamente para pessoas surdas, para a alfabetização e avanço nas demais etapas de escolarização. Fora do espaço escolar, as pessoas surdas participam de diversas atividades sociais, tais como o trabalho - no qual se destaca a produção de artesanato⁴, pequenos comércios, a agricultura familiar, o trabalho sazonal na colheita em lavouras de outras cidades e estados - e, além disso, participam das diversas atividades religiosas presentes na comunidade.

Ainda que as interações religiosas da comunidade ocorram majoritariamente em língua portuguesa, as pessoas surdas participam manifestando sua fé e engajando nas práticas de letramentos nos espaços religiosos. Na comunidade, existem quatro espaços religiosos com participação frequente dos moradores: duas capelas católicas, um pequeno templo evangélico e um terreiro de umbanda. Além disso, há festejos, atividades de benzedadeiras, liturgias e rituais que conectam os moradores com a noção do sagrado.

Considerando essa estruturação social, o objetivo deste estudo foi compreender como as pessoas surdas participam de práticas de letramentos em atividades religiosas, interagindo por meio das diferentes línguas usadas na comunidade. Com esse intuito, foi formulada a seguinte pergunta que orientou o início da pesquisa: *quais sentidos são construídos pelas pessoas surdas ao participarem de práticas de letramentos que entrelaçam fé, devoção e interações multilíngues sinalizadas e escritas?*

Para compreender essa questão inicial, e outras indagações que emergiram como desdobramentos dela ao longo da investigação, desenvolvemos uma pesquisa orientada pela etnografia como lógica de investigação (Castanheira *et al.*, 2001; Green; Dixon; Zaharlick, 2005). No estudo, foi realizada observação participante nos espaços da comunidade em que moradores surdos manifestavam sua fé, entre os anos de 2023 e 2024. Os registros de campo incluíram notas de campo, fotografias, filmagens, documentos e registros de artefatos que poderiam contribuir para a compreensão das interações observadas (Agar, 1986; Spradley, 1980).

Como referencial teórico-metodológico, no que se refere aos *estudos dos letramentos como prática social*, adotamos a perspectiva teórica de Street (2014; 1984). Quanto aos estudos e discussões sobre a multimodalidade, tomamos como base Kress (2010). E, no que diz respeito às interações em línguas de sinais e a participação de pessoas surdas em práticas de letramentos, dialogamos com os estudos de Rocha (2021) e Araújo *et al.* (2025). Essas contribuições teóricas orientaram as reflexões, os questionamentos e as análises desenvolvidas ao longo do estudo.

Este artigo está organizado em seis seções. Nesta primeira, apresentamos a introdução; na segunda, estão as perspectivas teóricas adotadas no estudo; na terceira, a orientação teórico-metodológica da pesquisa realizada; e, na quarta, a caracterização da comunidade de Várzea Queimada e de suas manifestações de religiosidade. A quinta seção dedica-se ao exame da participação de pessoas surdas em atividades religiosas, a partir de um evento de letramento, contemplando uma subseção específica para a apresentação das interações observadas e suas análises. Por fim, na sexta seção estão as considerações finais.

4 O artesanato se constitui uma importante atividade econômica e cultural da comunidade, sendo produzido principalmente a partir da palha da palmeira Carnaúba, matéria-prima local que é trançada manualmente para a confecção de peças como cestos, bolsas, esteiras e outros utensílios tradicionais. Esse saber-fazer é transmitido entre gerações e organizado, sobretudo, pela associação comunitária de artesãs, evidenciando o protagonismo feminino nesse processo produtivo, do qual as mulheres surdas da comunidade participam ativamente.

2. Perspectivas teóricas adotadas neste estudo

As atividades religiosas, conforme apresentado na introdução deste estudo, constituem-se historicamente como um dos eixos organizadores da vida social, em diferentes sociedades, mobilizando crenças, valores, normas e formas específicas de pertencimento coletivo. Longe de se restringirem ao âmbito do sagrado ou da experiência individual, os ritos, práticas e celebrações religiosas articulam dimensões sociais, culturais e simbólicas, orientando modos de viver, interpretar o mundo e agir em comunidade. O engajamento em festas, cultos, romarias, celebrações e rituais não apenas congrega pessoas em torno de crenças compartilhadas, mas também produz redes de sociabilidade, hierarquias, formas de autoridade e modos de participação social, nos quais a língua/gem⁵, as simbologias, os corpos e os textos desempenham papéis centrais.

No Brasil, grandes festas religiosas como o Círio de Nazaré, a Festa do Divino Espírito Santo, as Romarias a Aparecida, a Marcha para Jesus, as festas juninas ou as celebrações da Semana Santa são exemplos da centralidade da religião na vida social, ao mesmo tempo em que revelam a pluralidade de expressões religiosas que coexistem no país. Catolicismo, protestantismos históricos, pentecostalismos, religiões de matriz africana, espiritualidades indígenas e outras tradições produzem diferentes formas de viver a religiosidade, mobilizando pessoas, linguagens, objetos, corpos e sentidos de maneira diversa. Muitas dessas religiões, celebrações e modos sociais de organização a partir das atividades religiosas estavam presentes na comunidade de Várzea Queimada, onde foi desenvolvido este estudo.

Em diversas tradições religiosas, os textos sagrados ocupam um lugar central, funcionando como referência simbólica, normativa e memorial. Livros como a Bíblia, o Alcorão, a Torá, os Vedas ou outros textos fundantes não apenas registram narrativas religiosas, mas também preservam a memória histórica e cultural de povos, oferecendo orientações morais, éticas e cosmológicas que sustentam doutrinas e práticas ao longo do tempo (Konings, 1999). Esses textos são permanentemente interpretados, reinterpretados e atualizados, dando origem a diferentes correntes teológicas e modos de compreensão do sagrado. Ao longo da história, entretanto, o acesso direto a tais textos nem sempre foi permitido ou incentivado, sendo, em muitos contextos, restrito a líderes religiosos ou a grupos específicos. Processos históricos de tradução, difusão da escrita, escolarização e circulação de materiais impressos contribuíram para a gradual popularização da leitura desses textos, ainda que, em determinadas tradições ou comunidades, seu acesso continue mediado, controlado ou regulado por autoridades religiosas (Konings, 1999; Mariano, 1999; Alves, 2003).

Esse cenário oferece um importante aspecto para refletir sobre como a leitura e a escrita se materializam nas atividades religiosas e contribuem para que as pessoas se engajem em práticas de letramentos nesses espaços. Ao tomarmos os estudos dos *letramentos como prática social* - também conhecidos como *Novos Estudos do Letramento* -, o trabalho seminal de Street (1984; 2014) nos permite compreender os letramentos para além de habilidades técnicas. Em um estudo desenvolvido no Irã, na década de 1970, o autor apresentou discussões fundamentais para o desenvolvimento do '*modelo ideológico*' dos letramentos, questionando a ideia de que os letramentos são habilidades neutras e, ao contrário disso, propôs a sua compreensão como prática social.

5 A concepção de língua/gem, adotada neste estudo, foi fundamentada nos estudos de Bakhtin (1997), que concebe a língua/gem como essencialmente dialógica, historicamente situada, produzida nas interações sociais e atravessada por vozes e posições ideológicas. O autor não estabelece distinção entre língua e linguagem, compreendendo a língua/gem como um fenômeno social, dinâmico e interativo, que não se configura como um sistema fechado, mas como um espaço vivo de negociação de sentidos nas interações interpessoais.

Tomando essas perspectivas teóricas para o estabelecimento de um diálogo com a temática deste estudo, é possível reconhecer que os espaços religiosos constituem contextos densos de produção e circulação de saberes, negociações e construções de sentidos. Desse modo, podemos considerar que a presença da escrita nos espaços de religiosidade não implica, necessariamente, em sua centralidade ou predominância em relação a outras formas de construção de significado. Em muitas tradições religiosas, as práticas orais - como pregações, cantos, rezas, testemunhos, narrativas e doutrinas transmitidas pela escuta - desempenham papel fundamental na construção do pertencimento e da participação. De acordo com Street (2014), os letramentos são práticas sociais situadas, atravessadas por fenômenos culturais, ideológicos e históricos. Assim, a ausência de leitura autônoma não significa a ausência de práticas de letramento, mas revela outras formas legítimas de relação com os textos e com os sentidos que eles produzem.

A pesquisa de Castanheira e Street (2019), ao analisar práticas de letramentos nas esferas religiosas e seculares em um bairro popular brasileiro, situa como os usos e os sentidos atribuídos à leitura e à escrita se transformam ao longo do tempo em articulação com mudanças religiosas, sociais e tecnológicas. Os autores discutem que as práticas de letramentos em esferas religiosas constituem espaços privilegiados de circulação de textos, nos quais diferentes modos de comunicação - escritos, orais e multimodais - são mobilizados para afirmar crenças, construir pertencimentos e posicionar-se em redes locais e mais amplas. O estudo dos autores, por meio do exame das interações e das iterações, nos permite compreender como as pessoas se apropriam e constroem significados, desenvolvem identidades e negociam formas de participação social - sem que isso esteja necessariamente vinculado aos modelos escolares de leitura e escrita.

Orientada pela mesma perspectiva teórica, a pesquisa de Souza (2009), desenvolvida em uma comunidade rural no norte de Minas Gerais, oferece contribuições relevantes para compreender as relações entre oralidade e escrita em práticas religiosas. A autora apresenta o argumento de que, nesses contextos, a oralidade não ocupa um lugar de oposição ou de menor valor em relação à escrita, mas funciona como um eixo estruturante da circulação dos textos religiosos. Muitas pessoas participam ativamente das atividades religiosas, mesmo sem terem tido acesso ao aprendizado da leitura nos processos formais de escolarização, uma vez que o acesso aos textos ocorre por meio da escuta, da repetição, da memorização, da performance e da participação coletiva nos rituais. Desse modo, a escrita se faz presente mesmo quando não há leitura autônoma, pois os textos são mobilizados socialmente e (re)interpretados nas interações.

Essas formas de interação com a escrita dialogam com estudos da multimodalidade (Kress, 2010), ao compreender que a comunicação se realiza por meio da articulação de diferentes modos semióticos, socialmente constituídos e mobilizados conforme as demandas das pessoas, o que reitera a ampliação da análise das práticas sociais para além da centralidade da linguagem verbal. Nessa perspectiva, tais práticas configuram-se como ambientes multimodais, nos quais textos escritos, práticas orais, gestos, imagens, objetos simbólicos e tecnologias se articulam na produção de sentidos (Kress, 2010; Souza *et al.*, 2025).

A partir dessas concepções teóricas, conduzimos a construção da lógica de pesquisa adotada neste estudo. Consideramos a perspectiva de que a **oralidade** - que na verdade nomeamos aqui como **sinalização**⁶, devido ao uso de língua de sinais pelas pessoas surdas - seria extremamente relevante para a observação das interações sociais. E assim, as observações da sinalização/oralidade foram importantes para compreendermos como as pessoas surdas participam das práticas de letramentos na comunidade de Várzea Queimada.

6 Sinalização é a forma utilizada para se referir à comunicação por meio de línguas de sinais.

Além disso, buscamos durante todo o estudo evitar a perspectiva do *‘discurso do déficit’* (Lea; Street, 1998), ou seja, o discurso no qual a diversidade e os usos locais da leitura, da escrita e de diferentes formas de interação são vistos como um “problema” e que deveriam, portanto, ser corrigidos para serem adequados a um modelo “padrão”. Ao contrário disso, buscamos valorizar os saberes, as línguas de sinais, as experiências e as formas de participação construídas nas atividades religiosas da comunidade.

Essas orientações teóricas nos permitiram analisar as interações nas diferentes línguas utilizadas pelos participantes, sem hierarquizá-las, reconhecendo a legitimidade de suas diversificadas formas de registro e de expressão.

3. A orientação teórico-metodológica do estudo

A escolha da etnografia como lógica de investigação, empregada neste estudo, implica em reconhecer a etnografia não como um conjunto de técnicas, mas como uma orientação epistemológica que se inscreve em uma tradição consolidada nas ciências sociais, com raízes na antropologia, e que, mesmo diante de reformulações contemporâneas, mantém o compromisso com a descrição densa, a imersão em campo e a atenção às práticas e interações sociais de um determinado grupo. Nessa perspectiva, essa lógica de investigação demanda o acompanhamento imersivo no cotidiano dos participantes, ao mesmo tempo em que nos convoca a refletir continuamente sobre a nossa própria posição no processo investigativo.

Neste estudo, a etnografia como *lógica de investigação*, conforme delineado por Castanheira *et al.* (2001) e por Green, Dixon e Zaharlick (2005), se configura como uma abordagem voltada à compreensão multifacetada dos fenômenos sociais. As autoras destacam que a construção de uma lógica permite ao pesquisador transitar entre a participação nas práticas culturais e sociais e a análise recursiva dessas mesmas práticas, incluindo as condições e escolhas que atravessam a própria pesquisa. Essa orientação teórico-metodológica nos possibilitou uma aproximação sensível aos contextos investigados, favorecendo o registro e a participação nas interações e nas práticas de letramentos observadas, sem dissociá-las dos significados produzidos pelos participantes.

Esta pesquisa foi desenvolvida entre os anos de 2023 e 2024, em um período total de 10 meses, com o total de sete visitas, com duração média de cinco dias de permanência em cada uma delas. A negociação da entrada em campo e o estabelecimento de relações com a comunidade foram favorecidos por uma experiência prévia que uma das pesquisadoras deste estudo teve em Várzea Queimada, decorrente de sua participação em estudos anteriores envolvendo a produção de um dicionário⁷ da língua de sinais Cena na comunidade. Essa trajetória lhe conferiu certa proximidade com alguns membros da comunidade, o aprendizado da língua de sinais Cena, além de possibilitar a construção de vínculos de confiança com algumas pessoas surdas. Esse contato inicial ampliou o acesso às pessoas surdas nas diversas celebrações religiosas realizadas ao longo do período de pesquisa, registradas em múltiplas visitas à comunidade.

7 Cf. Almeida-Silva; Araújo *et al.*, 2023.

Em algumas ocasiões, as interações com os participantes surdos ocorreram em outros espaços sociais, como a escola, os locais de produção de artesanato, as residências das pessoas surdas ou os espaços destinados às atividades comerciais; em outras, o foco concentrou-se exclusivamente nas atividades religiosas das quais as pessoas surdas participavam. A circulação por esses diferentes contextos contribuiu para uma compreensão mais ampla da dinâmica social da comunidade e das experiências vividas pelas pessoas surdas em seu cotidiano.

A observação participante, conforme Spradley (1980), constitui-se como um eixo central da pesquisa etnográfica, o qual pressupõe o envolvimento ativo do pesquisador nas interações e atividades do grupo estudado, bem como a reflexão sobre sua própria participação, de forma indissociável. Ao adotar essa perspectiva, buscamos não apenas registrar a participação em práticas de letramentos, mas compreender também as implicações de nossas escolhas e limitações nas análises.

Para a coleta e o registro dos dados, foram utilizados diferentes instrumentos, incluindo filmagens, notas de campo, fotografias e análise de documentos. O uso articulado desses recursos permitiu documentar, de forma detalhada, as interações observadas ao longo do estudo, favorecendo uma análise que considerasse tanto as ações quanto seus contextos de produção.

No que se refere à transcrição dos dados, seguimos as concepções apresentadas por Green, Franquiz e Dixon (1997), que compreendem a transcrição como um ato situado e ‘não-neutro’, atravessado pelas escolhas, posicionamentos e objetivos das pesquisadoras. Considerando tais pressupostos, buscamos representar, nas transcrições, a complexidade do uso das diferentes línguas de sinais e as múltiplas camadas de interação presentes nos dados, reconhecendo as implicações analíticas de nossas decisões enquanto pesquisadoras.

As transcrições envolveram a tradução das interações em Cena e em Libras para o português, com apoio das filmagens realizadas e das notas de campo produzidas durante a pesquisa. Dado que os participantes surdos alternavam entre a Cena, a Libras e o português escrito, a nossa opção foi por distinguir quais dessas línguas estavam sendo usadas ao apresentarmos aqui as transcrições.

Para a análise dos dados, mobilizamos o conceito de **eventos de letramento**, conforme proposto por Heath (1983) e desenvolvido por Street (2014). Segundo Street (2014), o conceito de evento de letramento constitui uma ferramenta analítica relevante por permitir focalizar situações específicas em que práticas de letramento ocorrem. Essa abordagem possibilita examinar, de forma detalhada, como os participantes se engajam nessas práticas e como os significados são produzidos e negociados. Com base nesse referencial, analisamos, neste estudo, um evento de letramento, que será apresentado mais à frente neste texto.

Outro conceito central para a análise foi o de **rich point**, desenvolvido por Agar (1986; 1994). Esse conceito refere-se a momentos em que o pesquisador, ao adentrar em um novo contexto linguístico e/ou cultural, depara-se com situações, ações, discursos ou termos que rompem com suas expectativas ou modelos interpretativos prévios. Conforme discutido por

Rocha (2021), o conceito de *rich point* promove oportunidades analíticas e demanda um esforço interpretativo de “tradução” entre as perspectivas culturais e linguísticas dos pesquisadores, dos participantes e dos potenciais leitores da pesquisa. Neste estudo, a análise de *rich points* nos permitiu aprofundar na análise das práticas observadas e tensionar interpretações, buscando uma leitura mais reflexiva sobre os dados.

Quanto aos participantes deste estudo, foi estabelecida uma maior proximidade com as pessoas surdas que frequentavam a turma de EJA no noturno da escola, quando as observações foram realizadas por lá. Assim, ao encontra-los em espaços religiosos e outros locais, havia maior proximidade e interação. A partir dessa interação, os principais participantes deste estudo estão apresentados no quadro abaixo:

Quadro 1 – Participantes do Estudo

Participante	Nome de identificação na pesquisa	Língua de Comunicação	Idade	Etnia / Raça*
Participante Surda	Arlinda	Cena, tendo a Libras e o Português como L2	47	Negro
Participante Surda	Célia	Cena, tendo a Libras e o Português como L2	36	Negra
Participante Surda	Cleide	Cena, tendo a Libras como L2	53	Parda
Participante Surdo	Daniel	Cena	22	Branco
Participante Surdo	Gilberto	Cena, tendo a Libras e o Português como L2	52	Negro
Participante Surdo	Hélio	Cena	42	Negro
Participante Surda	Juliana	Cena	61	Negra
Participante Surda	Laís	Cena, tendo a Libras e o Português como L2	18	Parda
Participante Surda	Luiza	Cena	53	Parda
Participante Surda	Maria	Cena	40	Branca
Participante Surda	Marta	Cena	40	Parda
Participante Surdo	Roberto	Cena	52	Negro
Participante Surda	Solange	Cena	47	Negra

Fonte: dados da pesquisa.

* Estes dados combinam a caracterização do IBGE (que identifica negros como pretos ou pardos) com a terminologia utilizada na comunidade.

Os nomes apresentados no quadro são fictícios, para proteger a identidade dos participantes. Como pode ser observado no quadro, há uma diversidade etária entre os participantes, que têm idades variando entre 18 e 61 anos, com predominância de adultos. Em relação às línguas usadas, todos utilizam a Cena, sendo que menos da metade (38,4%) utilizam a Libras como segunda língua (L2). Do total de treze participantes, quatro deles (30,8%) utilizam o Português como segunda língua (L2).

Na seção seguinte, apresentamos uma caracterização da comunidade em que este estudo foi desenvolvido, com ênfase nas atividades religiosas das quais as pessoas surdas participavam.

4. A comunidade de Várzea Queimada e suas manifestações de religiosidade

Nesta seção, apresentamos alguns aspectos da organização socioeconômica de Várzea Queimada e as manifestações religiosas das pessoas que vivem na comunidade. Para isso, usamos dados registrados durante a observação participante e, também, textos que apresentam resultados de estudos anteriores realizados na comunidade.

A comunidade de Várzea Queimada é um território marcado por condições climáticas adversas, com longos períodos de escassez hídrica e por um modo de vida historicamente associado à resistência e à adaptação às dinâmicas do semiárido da região Nordeste. A formação da comunidade está vinculada a processos de ocupação rural realizados inicialmente por um casal (Franco, 2023), à chegada de outros moradores, ao trabalho agrícola e à circulação de famílias ao longo do século XX, compondo uma organização social fortemente ancorada em vínculos de parentesco e em alguns casamentos consanguíneos - o que talvez possa explicar o grande número de pessoas nascidas surdas.

Do ponto de vista socioeconômico, Várzea Queimada apresenta uma economia de base predominantemente familiar, sustentada por pequenas atividades de agricultura de subsistência, comercialização de alguns itens de suas pequenas plantações, prestação de serviços temporários na colheita em plantações de outras cidades ou estados e produção artesanal. Destaca-se, nesse contexto, o expressivo trabalho de artesanato com a palha da carnaúba, realizado por mulheres, além da existência de uma produção menor de produtos artesanais feitos por homens, utilizando a borracha como matéria-prima. Sobre esse trabalho artesanal, de acordo com Araújo *et al.* (2025):

Os moradores da comunidade de Várzea Queimada, incluindo os moradores surdos, trabalham na produção artesanal com forte ligação aos recursos naturais da região. Entre os principais produtos está o artesanato feito a partir da palha da carnaúba, uma árvore típica do semiárido brasileiro, amplamente utilizada para a confecção de objetos como cestos, esteiras, chapéus e outros itens utilitários ou decorativos. Além disso, a comunidade atua na reutilização de borracha, reciclando pneus para criar calçados, bijuterias e peças de decoração, como tapetes, colares, chaveiros, anéis e rosários, combinando sustentabilidade e criatividade em suas produções” (Araújo *et al.*, 2025, p. 7).

Ainda sobre a economia local, a comunidade conta com programas sociais do Governo Federal - como o Bolsa Família, a Aposentadoria Rural e o Benefício de Prestação Continuada (BPC) - destinados àqueles que se enquadram e cumprem os critérios desses programas. Essas políticas desempenham um papel relevante na circulação de recursos e na manutenção da economia local.

A partir do final do século XX, Várzea Queimada passou a vivenciar, de forma bastante gradual, a introdução de políticas públicas voltadas à melhoria das condições de vida de seus moradores. Algumas delas fizeram parte da implantação de serviços de infraestrutura urbana e ações como a pavimentação do acesso à comunidade, as obras de saneamento básico, o atendimento pela equipe do Programa de Saúde da Família (PSF) e os investimentos na educação básica e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), que contribuíram, em certa medida, para transformar, ainda que parcialmente, o cotidiano local (Franco, 2023; Araújo *et al.*, 2025).

Nesse processo, as instituições religiosas, especialmente a Igreja Católica, desempenharam um papel marcante na comunidade. A atuação do Instituto Santa Teresinha (IST)⁸, por exemplo, ofereceu por um período o ensino de outra língua de sinais na comunidade: a Libras. Essa introdução da Libras foi articulada com ações de evangelização voltadas para as pessoas surdas, nos anos de 2008 e 2009. Outras denominações religiosas, como as Testemunhas de Jeová, também realizaram visitas pontuais ao povoado, ainda que com menor impacto institucional e sem longa durabilidade.

Em relação às manifestações de fé dos moradores, Várzea Queimada vivencia um pluralismo que combina hegemonia católica, práticas tradicionais de benzeção, presença de um templo evangélico e a existência de um terreiro de umbanda. Essas expressões não se apresentam de forma isolada ou rigidamente delimitada, mas coexistem em um campo simbólico.

O catolicismo ocupa posição central na organização simbólica e social da comunidade. Duas capelas estruturam o espaço religioso local: a capela de São Sebastião, padroeiro do povoado, localizada na rua principal e fundada em 1981, e a capela de São João Batista, situada no extremo leste da comunidade, cuja construção foi concluída apenas no início do século XXI. Esses espaços não apenas abrigam celebrações litúrgicas, mas também funcionam como polos de sociabilidade.

As práticas católicas em Várzea Queimada extrapolam a dimensão estritamente litúrgica e assumem a forma de grandes festejos anuais, como o Festejo de São Sebastião, o Festejo de São João Batista, a Missa da Venerada Santa Cruz no Morro dos Três Irmãos, a Festa do Vaqueiro e a Missa de Todos os Santos. Esses eventos articulam devoção, tradição, economia local e reencontro de familiares, mobilizando não apenas os moradores do povoado, mas também comunidades vizinhas. A participação nesses festejos nos oportunizou interações e registros de dados para este estudo.

A participação das pessoas surdas nessas atividades religiosas revela especificidades importantes. Embora estejam fisicamente presentes em grande parte dos festejos e celebrações, sua compreensão dos ritos é mediada, sobretudo, pela observação visual das movimentações, pela repetição dos movimentos corporais e pela reprodução de comportamentos coletivos. A ausência sistemática de mediação linguística em Cena ou em Libras, durante as missas, novenas e outras atividades, configurava-se como barreira ao acesso amplo às mensagens das celebrações, incluindo restrições quanto às informações compartilhadas e às leituras bíblicas, por exemplo.

Mesmo com desafios, as pessoas surdas procuravam participar e construir sentidos próprios para a experiência religiosa. A fé, em alguma medida, nos pareceu se manifestar menos pela compreensão doutrinária e mais pela vivência corporal, visual e afetiva. O uso de símbolos religiosos, como terços, camisas alusivas aos festejos e repetição dos movimentos ritualizados feitos pelas pessoas ouvintes, simbolizava, em alguma medida, pertencimento e validação da participação naquele espaço por parte das pessoas surdas.

Além do catolicismo institucional, as práticas de benzeção ocupavam um expressivo lugar na religiosidade cotidiana da comunidade. A benzeção era realizada majoritariamente por mulheres mais velhas - algumas delas surdas -, e essas atividades articulavam fé, pedidos de cura e saberes tradicionais, sendo acionadas, por exemplo, para prevenir ou tratar enfermidades físicas e espirituais. O ritual baseia-se na fé compartilhada, configurando-se como uma forma de cuidado profundamente legitimada no contexto local.

8 "O Instituto Santa Teresinha foi fundado em abril de 1929, na cidade de Campinas, São Paulo, pelas Irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, inspiradas em uma congregação da França fundada em 1833. O instituto tem atuado na educação de pessoas surdas, além de atender também pessoas ouvintes ou em situação de vulnerabilidade social. A instituição é de caráter beneficente e filantrópico, sem fins lucrativos, e adota o bilinguismo (Língua Brasileira de Sinais e Português) como base de suas práticas educativas" (Araújo *et al.*, 2025, p. 7).

A umbanda, por sua vez, aparecia como uma presença recente e menos institucionalizada, materializada na fundação de um terreiro em 2021. Embora, ao conversarmos com moradores, tenha sido possível registrar a participação pontual de pessoas surdas em rituais da umbanda, não observamos uma adesão contínua a essa tradição. Ainda assim, o sincretismo entre o catolicismo e a umbanda demonstrou certa permeabilidade das fronteiras religiosas em Várzea Queimada.

O templo evangélico, vinculado à denominação evangélica Assembleia de Deus, também desenvolvia atividades na comunidade, embora com menor número de participantes. Durante o período de observação, não identificamos a participação de pessoas surdas nos cultos, o que nos sugeriu menor capilaridade social dessa denominação religiosa em comparação com o catolicismo e as práticas tradicionais de benzeção.

Em síntese, a religiosidade em Várzea Queimada configura-se como um campo plural, no qual diferentes tradições coexistem.

Na seção a seguir, apresentamos um evento de letramento com discussões e análises referentes à participação de pessoas surdas da comunidade em práticas de letramentos na esfera religiosa.

5. A participação de pessoas surdas nas atividades religiosas analisada a partir de um *evento de letramento*

Apresentamos, nesta seção, a análise de um evento de letramento, ocorrido a partir de interações entre pessoas surdas, envolvendo atividades religiosas, na comunidade de Várzea Queimada. Trata-se de um recorte analítico que buscou compreender como as práticas de letramentos se manifestam, em situações socialmente situadas, marcadas por dinâmicas culturais, religiosas e interacionais específicas.

No decorrer das interações, observamos o uso articulado das três línguas presentes na comunidade - a Cena, a Libras e o português -, o que possibilitou identificar tanto momentos de incompreensão quanto processos de negociação de sentidos entre as participantes. As interações foram atravessadas pelo uso de recursos multimodais e de tecnologias digitais, que desempenharam papel relevante nos processos de leitura e escrita, influenciando as formas pelas quais as participantes interpretaram e atribuíram significado às suas atividades religiosas.

O evento analisado está relacionado à prática da benzer, atividade religiosa de forte relevância no contexto local, na qual moradoras surdas da comunidade se engajam em interações que articulam língua/gem, crenças, saberes tradicionais e formas de participação social.

5.1 *Evento de letramento: “Ela só sabe escrever daquele jeito”*

O título atribuído ao evento de letramento, que apresentamos nesta seção, faz referência à fala de uma das participantes do estudo em relação à forma como outra participante escrevia. A escrita foi realizada utilizando **emojis** em vez da escrita alfabética, em uma interação que teve como suporte o aplicativo **WhatsApp**. Antes de apresentar o evento, consideramos importante contextualizar algumas questões que ocorreram previamente e levaram às interações do evento.

Antes do evento, o nosso grupo de pesquisa havia feito uma reunião online. No início da reunião, ao conversarmos sobre assuntos diversos, uma das colegas do grupo informou que estava muito preocupada com as condições de saúde de sua irmã, que estava enfrentando um tratamento, e pediu orações direcionadas ao restabelecimento de sua saúde. Nesse momento, uma das pesquisadoras e autoras deste estudo, Nádia, disponibilizou-se a pedir para Marta, uma benzedeira surda da comunidade de Várzea Queimada, que realizasse uma benzeção pela irmã de nossa colega.

Ao encontrar Marta na escola, à noite - antes do início das aulas da EJA, que também observamos nesta pesquisa -, foi feito o pedido de benzeção, o que foi aceito prontamente. Marta pediu a foto da pessoa para que pudesse benzer e informou que faria isso assim que chegasse em casa e que, quando terminasse o rito, avisaria. Mais tarde, Marta enviou a seguinte mensagem de retorno ao pedido de benzeção:

Imagem 01 - Conversa no *WhatsApp* sobre o pedido de benzeção.



Fonte: Print registrado da conversa (2023).

Marta respondeu utilizando *emojis* que, em nossa análise, significavam tristeza e negação (🗨️🙄). A mensagem com os *emojis* foi acompanhada, logo abaixo, de uma mensagem de áudio incompreensível. A leitura causou estranhamento e aflição, principalmente por ser interpretada como uma conotação negativa. Foi feita uma tentativa de contato por videochamada, sem sucesso devido à conexão instável de internet. Considerando que as filhas de Marta são CODAs⁹, esse foi um contato considerado para mediar a comunicação com ela. A filha mais nova de Marta respondeu por áudio, pedindo que a mensagem fosse enviada da mesma forma. Mas, possivelmente por sua filha não ter compreendido o assunto ou o tema em discussão, a comunicação com ela não funcionou e, assim, foi combinado que nos falaríamos em outro momento, presencialmente, e a conversa foi suspensa devido ao horário.

Somente no dia seguinte no dia seguinte foi possível compreender a comunicação realizada através de *emojis*. Nádia estava na calçada da casa de Célia, que lhe mostrava as atividades escolares e os materiais pedagógicos guardados por ela, que eram distribuídos pela escola desde o período da pandemia. A mesma filha CODA de Marta, que havia tentado mediar a comunicação no dia anterior, ao avistar a conversa na calçada em frente a sua casa, se aproximou para cumprimentar Nádia e Célia. Ela informou que Marta estava trabalhando na casa de uma senhora que reside na rua principal. Algum tempo depois, Marta chegou e fez menção à benzeção que havia realizado na noite anterior.

⁹ CODA (*Children of Deaf Adults*) é uma sigla do inglês, usada também no Brasil e em diversos países, que faz referência aos filhos ouvintes de pais surdos (Cf. Rocha, 2021).

realizou uma avaliação sobre a escrita de Marta, indicando a existência de parâmetros normativos que orientaram a sua concepção do que seria “saber escrever”. Essa manifestação não apenas revelou uma percepção individual, mas também indicou perspectivas socialmente construídas acerca da escrita, o que orientou as ações e intervenções entre as participantes.

A sequência da interação revelou um momento de incompreensão, quando Nádia questionou “*Como assim?*” (linha/turno de fala 02), seguida da resposta de Célia, “*Português não*” (linha/turno de fala 03). Esse trecho sugere que a noção de escrita mobilizada por Célia estava fortemente associada ao domínio do português escrito, o que talvez possa indicar certa hierarquização, por ela, entre diferentes formas de língua/gem. Ao mesmo tempo, esse momento nos indicou como as participantes poderiam negociar sentidos, já que, aquilo que inicialmente não foi compreendido passou a ser negociado coletivamente.

Ao afirmar “*Isso aqui está errado! Vou te mostrar o certo!*” (linha/turno de fala 04), Célia assumiu uma posição de maior familiaridade com práticas de leitura e escrita, o que pareceu legitimar sua atuação como alguém que orientaria a outra. Essa postura poderia indicar, em certa medida, situações nas quais diferentes sujeitos ocupam posições distintas em relação aos saberes valorizados em determinado grupo (Street, 2014; Rocha, 2021). Nesse sentido, a ação de Célia não se limitou a uma correção pontual, mas se inseriu em um processo mais amplo de mediação, no qual ela compartilhou saberes construídos ao longo de suas experiências com a escrita e com o uso de tecnologias digitais.

A interação entre as participantes continuou com o uso de **emojis**, como recurso de escrita, quando Célia orientou Marta: “*Esse você tem que selecionar*” (linha/turno de fala 06) e “*Olha aqui. É esse (+)*” (linha/turno de fala 07). Nesse momento, observamos que os **emojis** assumiram uma função central na construção de sentidos, operando como elementos substitutivos da escrita alfabética convencional. Em diálogo com as contribuições de Kress (2010), sobre multimodalidade, analisamos que a comunicação não se restringe ao texto escrito, mas envolve a articulação de diferentes recursos. Os **emojis**, nessas interações, não foram apenas acessórios, mas se constituíram como elementos fundamentais para a construção de significado na interação.

A resposta de Marta, quando expressou “*Ah! Entendi. Eu escolhi o do rosto que chora (+). E os das mãos juntas 🙏?*” (linha/turno de fala 11), revelou tanto um processo de aprendizagem quanto a possibilidade de equívocos interpretativos decorrentes do desconhecimento de determinados significados que ainda não estavam socializados. A interpretação de Célia - “*Não, isso é morte!*” (linha/turno de fala 12) - indicou ainda como os sentidos atribuídos aos **emojis** não são universais, mas culturalmente situados e passíveis de variação (Ferreira *et al.*, 2025). Nesse sentido, foi possível refletir sobre o fato de que perspectivas distintas podem gerar incompreensões, sobretudo quando não se compartilha o mesmo repertório cultural e linguístico.

Ao longo da interação, foi possível notar que Marta e Célia negociaram significados de forma colaborativa, mobilizando a língua de sinais, gestos, expressões faciais e recursos digitais disponíveis no celular. Esse processo, envolvendo múltiplas formas de uso da língua/gem, opera em consonância com a perspectiva de Street (1984; 2014), que compreende os letramentos como práticas sociais plurais. Nesse sentido, os saberes mobilizados por Marta não podem ser compreendidos como “ausência de letramento”, mas como pertencentes a outras formas de saberes e construção de significados, que ganham sentido em contextos locais/específicos de uso, como na atividade religiosa compartilhada por elas.

Essa interação também nos levou a refletir sobre a relevância, enquanto pesquisadoras, de nos deslocarmos de nossas próprias expectativas acerca do que se constitui como leitura e escrita, bus-

cando compreender as práticas locais a partir de suas próprias lógicas. Ao acompanhar esse evento, foi possível contrastar e triangular os registros provenientes de observações, de perspectivas teóricas, de nossos saberes prévios e da perspectiva das participantes - conforme sugerem Green, Castanheira e Zaharlick (2005) -, o que contribuiu para a construção de uma compreensão situada das experiências vividas pelas participantes. Nesse processo, compreendemos que a forma de escrever de Marta não se caracterizava como algo “errado”, mas sim como um modo de expressão cujos significados ainda estavam em negociação, o que está relacionado às formas específicas pelas quais os letramentos são valorizados localmente.

Por último, ao situar esse evento no conjunto mais amplo das práticas sociais da comunidade, compreendemos que tais interações não se configuram como episódios isolados, mas como parte de uma trama social que faz parte da esfera religiosa. As práticas de linguagem observadas articulam-se a formas de participação que são também moldadas por valores, crenças e dinâmicas coletivas vinculadas às atividades religiosas locais. As trocas entre as participantes envolveram a construção de sentidos, o engajamento e o pertencimento, que se constituem em práticas compartilhadas, nas quais elementos simbólicos, corporais e linguísticos se entrelaçam. Assim, ainda que o evento analisado não tenha ocorrido estritamente em um ritual religioso, ele se insere em um universo social no qual a religiosidade organiza experiências, orienta interações e contribui para a constituição de identidades em diferentes esferas da vida social, as quais se imbricam com os modos de estar em comunidade.

6. Considerações Finais

Neste artigo, analisamos como pessoas surdas participam de práticas de letramentos em atividades religiosas, mobilizando diferentes línguas em uso na comunidade. Os processos de leitura e escrita durante as atividades religiosas, observados entre moradores surdos de Várzea Queimada, revelaram dinâmicas que extrapolam modelos convencionais de escolarização e se constituem em práticas situadas, atravessadas por relações sociais e culturais.

Ao acompanhar essas dinâmicas, foi possível identificar, a partir do evento de letramento analisado, a complexidade envolvida no uso articulado de três línguas - a Cena, a Libras e o português -, bem como na escrita associada a elementos multimodais e ao uso de tecnologias digitais na negociação de sentidos. As análises indicam que, ao transitarem entre essas diferentes línguas e recursos multimodais, os participantes mobilizam estratégias diversas para construir e negociar significados em seu engajamento em práticas de letramentos na esfera religiosa.

O estudo contribuiu, em certa medida, para a compreensão de aspectos implicados na participação dos moradores surdos em práticas de letramento, incluindo o papel central dos modos de interação nesses processos. Seja mediada por tecnologias, por interlocutores mais experientes ou por práticas coletivas, a interação se configura como um espaço no qual os participantes atribuem sentidos, constroem compreensões e ampliam suas possibilidades de participação. Nesse contexto, as práticas de letramentos não se restringem ao domínio da escrita alfabética, mas envolvem um conjunto mais amplo de práticas sociais, nas quais diferentes modos de significação são mobilizados.

A presença de pares linguísticos, que compartilham experiências sociais e culturais semelhantes, mostrou-se relevante para a construção de sentidos e para a ampliação das possibilidades de participação nas atividades religiosas. Para além de sua dimensão espiritual, a inserção em práticas religiosas envolve normas, identidades e formas de engajamento social que organizam tempos, relações e modos de convivência.

As análises permitiram refletir que a sinalização/oralidade, assim como o uso de *emojis* e outros recursos multimodais, não se configuram como formas secundárias ou subordinadas à escrita, mas operam como elementos centrais na circulação e na construção de sentidos associados aos textos religiosos. Desse modo, a escrita se apresenta de forma mais ampla como uso da língua/gem, no qual diferentes modos de significação coexistem e se complementam.

Embora certas tensões e desafios tenham atravessado as experiências observadas, os achados do estudo indicam um movimento contínuo de negociação de significados, no qual os participantes mobilizam seus repertórios linguísticos e sociais de forma situada. A complexidade presente nas práticas analisadas contribui para uma compreensão mais ampla dos letramentos, considerados em sua pluralidade, e em sua imbricação com contextos sociais, culturais e religiosos específicos.

Referências

- AGAR, Michael. H. *Speaking of Ethnography*. London: Sage, 1986.
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- ALMEIDA-SILVA, Anderson.; ARAÚJO, Nádia Fernanda Martins de. *et al.* (orgs.). *CENA: Dicionário Visual da Língua de Sinais de Várzea Queimada: edição com libras, português e inglês*. Teresina: CCOM, Governo do Estado do Piauí, 2023.
- ARAÚJO, Nádia Fernanda Martins de; ROCHA, Terezinha Cristina da Costa; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. *A alfabetização de estudantes surdos em uma turma multilíngue: um estudo etnográfico em Várzea Queimada - Piauí*. *Revista Brasileira de Alfabetização*, v. 2, n. 19, p. 57-79, 2025. DOI:
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia; STREET, Brian V. Meanings of literacy in the intersection of religious and secular practices: examining local and global changes in a Brazilian bairro. *International Journal of the Sociology of Language*, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1515/ijsl-2019-2041>
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia. *et al.* Interactional Ethnography: An Approach to Studying the Social Construction of Literate Practices. *Linguistics and Education*, v. 11, n. 4, p. 353-400, 2001. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0898-5898\(00\)00032-2](https://doi.org/10.1016/S0898-5898(00)00032-2).
- FRANCO, Telma. *O processo de inclusão social de surdos plurilíngues (CENA/LIBRAS/PORTUGUÊS) no povoado Várzea Queimada/PI*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2023.
- FERREIRA, Cristiane G.; CASTANHEIRA, Maria Lúcia; ROCHA, Terezinha Cristina da Costa. A participação de estudantes surdos em práticas de letramentos acadêmicos e a construção de oportunidades de aprendizagem. *Caderno Pedagógico*, v. 22, n. 5, e15216, 2025. DOI: <https://doi.org/10.54033/cadpedv22n5-284>
- GREEN, Judith L.; DIXON, Carol; ZAHARLICK, Amy. A etnografia como uma lógica de investigação. *Educação em Revista*, n. 42, p. 13-79, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/45228>.
- GREEN, Judith L.; FRANQUIZ, Maria; DIXON, Carol. The Myth of the Objective Transcript: Transcribing as a Situated Act. *TESOL Quarterly*, v. 31, n. 1, p. 172-176, 1997.
- HEATH, Shirley Brice. (1983). *Ways with words: Language, life, and work in communities and classrooms*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KONINGS, Johan. *A Palavra se fez Livro*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999. 104 p.
- KRESS, Gunther. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. London; New York: Routledge, 2010.

LEA, Mary. R.; STREET, Brian V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, v. 23, n. 2, p. 157-172, 1998.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

ROCHA, Terezinha Cristina da Costa. *Libras e língua portuguesa em sala de aula: da democratização do acesso ao Ensino Superior à participação de estudantes surdos em práticas de letramentos acadêmicos*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SOUZA, Maria José Francisco de. *Modos de participação nas culturas do escrito em uma comunidade rural no norte de Minas Gerais*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SOUZA, Lara Gontijo de Castro; RAHME, Mônica Maria Farid; ROCHA, Terezinha Cristina da Costa. Perspectivas sobre a acessibilidade para estudantes surdocegos: diálogos entre comunicação, práticas pedagógicas e tecnologia assistiva. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 105–128, 2025. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n1a66193>

SPRADLEY, James P. *Participant Observation*. 1. ed. New York, NY: Cengage Learning, 1980.

STREET, Brian. V. *Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

STREET, Brian. V. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge; New York, NY: Cambridge University Press, 1984.

Recebido em: 01/04/2026

Aceito em: 03/07/2026